

Educação

## Cidade

274

## Colégio modelo não consegue professor

■ Com salário de R\$ 300 por 12 horas semanais, Aplicação tem dificuldade de contratar substitutos para profissionais de licença

MARIA LUISA BARROS

O Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (CAP-UFRJ), no Jardim Botânico, (Zona Sul), um dos campeões em aprovação nos vestibulares no estado, vive uma situação contraditória. Enquanto alunos de toda a cidade disputam as poucas vagas oferecidas, — na última prova, 4,5 mil candidatos brigaram por 96 cadeiras —, a direção da escola não está conseguindo preencher as vagas dos professores que estão de licença. Se os estudantes são atraídos pela tradição de excelência no ensino que o CAP oferece, o mesmo não ocorre com os candidatos a professor substituto, espantados com o salário de R\$ 300, por 12 horas semanais.

O pior é que o pagamento só vem após dois meses de trabalho, quando a papelada do contrato de 11 meses é acertada. “É muito difícil achar alguém que aceite ganhar isso e os que aceitam não são qualificados”, relata o diretor do CAP, professor João Freire Filho. Para ele, a solução seria a autonomia do colégio frente à universidade, já que cabe à instituição somente a contratação dos funcionários que são pagos com o repasse de verbas do governo federal. Freire conta que alguns candidatos, aprovados no exame de currículo, passam pela entrevista seletiva, mas desistem quando descobrem o valor do salário.

**Matemática** — Desde o fim do ano passado, quando o primeiro edital foi publicado, não apareceu nenhum professor de química. Os que apareceram estão em processo de avaliação. Os alunos, sem aulas desde o início do ano letivo, reclamam: “Sem professor de inglês ou música ainda passa, porque a gente faz cursos fora, mas matemática não dá”, desaba-

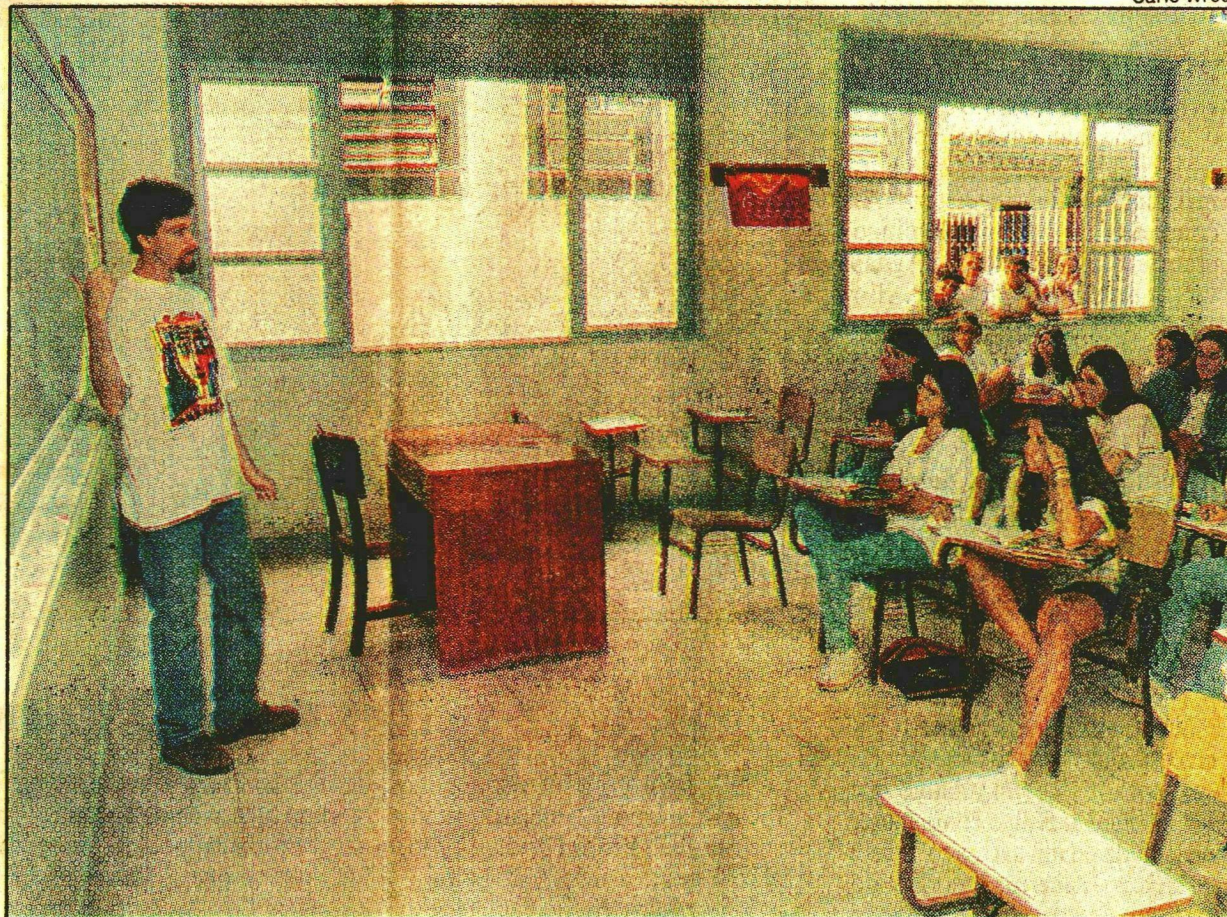
fa João Pedro Nascimento, 16 anos.

O professor de português José Elias Neder Júnior, 38 anos, formado em Letras pela UFRJ, foi contratado há menos de um mês, sabe que não vai receber nos primeiros meses, mas está animado. “O que me atraiu foi a resposta dos alunos e a equipe de trabalho. Se eu quisesse ganhar dinheiro, não seria professor”, disse. Outro fator que o fez aceitar o emprego: sua casa fica ao lado do colégio.

Apesar da legislação permitir que médicos e professores acumulem cargos públicos, o mesmo não ocorre com os professores substitutos que não podem ter mais de um vencimento seja ele da União, do estado ou do município. “Estamos sem o professor de matemática que optou pela Escola Naval onde ganha mais”, disse Maurício Freire, 16 anos, aluno do 1º ano.

Vanise Bonna, 38 anos, tem dois filhos estudando no CAP, um na quinta e outro na quarta série do primeiro grau. Com o que ganha como estatística, Valéria precisaria desembolsar metade de seu salário para manter os filhos em escolas particulares. “Apesar de todos os problemas, eu não troco de colégio. O problema não é do CAP que sempre teve o melhor ensino, mas com o governo que não dá atenção nem às próprias escolas federais que estão ligadas a ele”, disse.

Tal descaso pode acabar com cenas impensadas nas escolas públicas atuais, como a de uma professora de 1ª série do primeiro grau do CAP, com formação em artes plásticas, ensinava arte durante a chamada. Em vez do tradicional “presente”, seus alunos respondiam Renoir, Michelangelo, Monet...



O salário de R\$ 300 mensais, por 11 meses de contrato, é o obstáculo para que o CAP consiga professores

Carlo Wrede